

Laboratório de Ensino

“CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS À PSICANÁLISE” (1916-1917)

PRIMEIRA PARTE: OS ATOS FALHOS (1916)

SEGUNDA PARTE: OS SONHOS (1916)

Angelo Costa (Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ. Iniciação Científica no IP-UFRJ)

Ariel Moura Alves (Graduanda em Psicologia pela UFF-Niterói. Iniciação Científica no IP-UFRJ)

Beatriz Dias (Graduanda em Psicologia pela UFRJ. Iniciação Científica no IP-UFRJ)

Gabriel Galliza (Graduando em Psicologia pela UFF-Niterói. Iniciação Científica no IP-UFRJ)

Paula Caetano (Graduada em Psicologia pela UFF-Niterói. Iniciação Científica no IP-UFRJ)

Flavia Lana Garcia de Oliveira (Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ. Bolsista pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado PNPd/CAPES. Orientação IC IP-UFRJ)

Sem exigir muitos pré-requisitos, percorrer as *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916-1917/2019) é uma porta de entrada possível para o estudo da obra freudiana. Essa abordagem é via de acesso a temas e conceitos fundamentais da psicanálise, conferindo familiaridade com o campo. Esse percurso pode ser examinado como espinha dorsal dos trabalhos de Freud até 1917, e pode ser decomposto em três partes: “Os atos falhos” [1916], “Os sonhos” [1916] e “Teoria geral das neuroses” [1917]. Lembremos que, logo na abertura de *Dois verbetes de enciclopédia*, Freud (1923/2020, p. 274) destaca que a psicanálise se apoia em três eixos indissociáveis: “um saber, um procedimento de investigação e um método de tratamento”. Sendo assim, é necessário reconhecer balizas para uma adequada apropriação da teoria psicanalítica, conjugando as discussões sobre a atitude clínica (tratamento) que ela propõe e a trama de conceitos que orienta seus princípios e técnicas (saber e método). Como parte dos esforços de assimilação desse conteúdo, esta síntese das Partes I e II das *Conferências*, valoriza o objetivo freudiano de demonstrar a teoria geral das neuroses a partir dos acidentes nos campos da fala e da linguagem, extraídos dos discursos de pacientes ao longo da prática clínica. Desse modo, também é possível tecer considerações a respeito da posição do analista.

Parte I – Os atos falhos [1916]

Freud abre as *Conferências* partindo da premissa de que o leitor nada sabe a respeito da técnica que ele está abordando. Fala sobre a posição que o analista deve adotar, sobre as obscuridades, críticas e dúvidas que as pessoas leigas tendem a manifestar para entender o processo analítico e o que de fato a psicanálise trata no sujeito. Para que se entenda o que é a psicanálise e o que o seu campo afirma, o autor faz um paralelo com a medicina, mostrando as dificuldades a respeito do ensino da técnica, uma vez que, na medicina, é mais simples estudar casos onde estudantes podem observar o que lhes é apresentado. Contudo, a psicanálise não transmite seu saber da mesma forma. Freud vai advertir que, no tratamento psicanalítico, “as comunicações de que necessita a análise, o paciente só as faz mediante uma particular ligação emocional” (1916/2019, p. 23). Portanto, a análise necessita de um laço (a *transferência*) entre aquele que fala e aquele que escuta;

e não permite que haja plateia – caso contrário, o paciente criaria ainda mais camadas de resistência na exposição de suas queixas, visto que, por um conflito subjetivo, não consegue implicar-se nas próprias questões que apresenta. Vale observar que o laço transferencial, condicionante desse trabalho, não horizontaliza a relação entre analista e analisando, seja na forma de trocas equivalentes ou de outros tipos. Circunscrita ao dispositivo psicanalítico, essa relação jamais poderá ser uma relação dual, de um Eu para outro Eu. De tal modo, pode-se apontar que o trabalho analítico não é intersubjetivo, isto é, no sentido de que um analista intervém como uma função, não como pessoa em si, não a partir de sua dimensão egóica.

Determinismo psíquico: atos falhos, lapsos, conflito e compromisso.

Freud avança pelas *Conferências* investigando os *atos falhos*, que são lapsos cotidianos, sendo estes, para os sujeitos em geral, atos ordinários e repletos de coincidências. O autor os classifica como: (1) verbais, podendo ocorrer como troca de palavras, onde outra é dita em seu lugar; (2) de leitura, podendo ser lido algo diferente do que está escrito; (3) de audição, onde a pessoa ouve algo diferente do que foi falado; (4) de memória, podendo ocorrer um esquecimento temporário ou extravio. O objetivo é investigar o que, nas ações triviais do sujeito, emerge acerca de um funcionamento mental que lhe escapa, mas ao mesmo tempo o constitui. Freud expande esse entendimento em relação aos lapsos, mostrando que são muito mais que mera coincidência. Afirma que “eles possuem um sentido e nascem do confronto de duas intenções diferentes” (1916/2019, p. 58), constatando que uma intenção é perturbada e a outra causa a perturbação. Para além de estudar os lapsos em si, faz-se necessário interrogar como se estabelece a relação entre o ato falho e essa “intenção que emerge”, produzindo tal força contrária ao que se pretendia. Com isso, Freud colocou em pauta uma questão essencial para melhor entender esse mecanismo: “[...] que intenções ou tendências são essas, capazes de perturbar as pessoas dessa maneira, e que relações guardam essas tendências perturbadoras com aqueles aos quais elas perturbam?” (Freud, 1916/2019, p. 59).

O falante manifesta intenções que ele já conhece, sendo essa hipótese importante para entender o mecanismo dos lapsos verbais e, conseqüentemente, o funcionamento das duas intenções. Ao escolher não passar a intenção para o ato da fala, ocorre o lapso verbal, pois, “a tendência rechaçada se converte contra a vontade do falante, em manifestação, na medida em que modifica a expressão da intenção por ele aprovada e se mistura a ela ou toma diretamente o seu lugar” (Freud, 1916/2019, p. 87). Assim, conclui-se que “o recalque da intenção de dizer algo é a condição imprescindível para que o lapso verbal ocorra” (Freud, 1916/2019, p. 87)¹. Em vista do processo para que o ato falho possa emergir, Freud (1916/2019) indaga as razões de seu funcionamento: ou o rechaço deveria bastar sem que nada emergisse depois, ou ele poderia falhar logo, causando uma total manifestação. Sua resposta mostra a principal característica do ato falho: a de que é uma formação de compromisso que procura atender duas instâncias, compreendendo meio sucesso e meio fracasso. Freud (1916/2019) deixa claro qual é o objetivo da psicanálise a respeito do estudo aprofundado dos atos falhos, explicando que a investigação transcende a classificação de fenômenos e que busca entender esses lapsos como conseqüências de um “jogo de forças na

¹ Como localização do conceito de recalque pode-se recorrer a descrição freudiana: “O Eu reprimiu esses impulsos não afinados com o Eu, isto é, deles retirou seu interesse e impediu-lhes o acesso à consciência e à descarga motora conducente à satisfação” (1923/2020, p. 290).

psique, como manifestação de tendências dotadas de metas, que trabalham em consonância ou dissonância uma com as outras.” (1916/2019, p. 89). E que, mais a frente, é preciso esforçar-se na direção de uma apropriação da *concepção dinâmica* desses fenômenos psíquicos, procurando entender essas instâncias em conflito.

Parte II – Os sonhos [1916]

A clínica psicanalítica trouxe grandes inovações para o tratamento de certas afecções, para as quais a medicina não era capaz de oferecer uma cura, e expandiu os horizontes a respeito da investigação sobre o que é o psíquico. Um vasto campo de pesquisa se abriu através da escuta analítica, e, desse modo, descobriu-se que os sintomas apresentados pelos pacientes eram determinados por fatores de sua vida anímica, ou seja, que tinham uma possibilidade metodológica de sentido. Não era apenas de seus sintomas que os pacientes falavam em análise - certas vezes, relatavam inclusive seus sonhos. Tornou-se também o sonho um objeto de estudo da psicanálise, como expressa a fórmula célebre “*a interpretação dos sonhos é a via régia para o conhecimento do inconsciente*” (1900/2019, p. 662). Freud percorre a segunda parte dessas *Conferências*, na qual aborda o tema dos sonhos, como uma preparação para o estudo das neuroses. Essa abordagem parte da proposição de que *o próprio sonho é também um sintoma neurótico*, que, tal como o ato falho, se manifesta em pessoas saudáveis. Ele não foi o primeiro a se debruçar sobre os sonhos e buscar compreendê-los, desde sua origem ao seu significado oculto. Contudo, o fez de forma revolucionária. No passado, acreditava-se que os sonhos poderiam conter presságios sobre o futuro, que revelavam mensagens dos deuses, e, tantas vezes, eram parte de mitos ou crenças. Até então, à época de Freud, os sonhos eram vistos pelos leigos como fenômenos místicos. Enquanto as ciências naturais só se ocupavam de tal objeto em investigações no âmbito da fisiologia. Desse modo, ativamente decifrar o sonho, assim como o recalçado, é fundamental para a compreensão do sintoma neurótico, na direção de tangenciar o Inconsciente:

Freud explicitou que as neuroses são indicativas de uma formação de compromisso [...]. O recalçado é mascarado, acessível apenas pela atividade de decifração. Ainda que de forma encoberta, o neurótico testemunha a existência do inconsciente [...] (SANTOS; OLIVEIRA, 2012, p. 80).

O que todos os sonhos têm em comum? A pesquisa freudiana para reunir os aspectos fundamentais, presentes em todos os sonhos, parte de considerações sobre o sono, pois *a precondição do sonho é o sono*. Contudo, não interessa à psicanálise uma caracterização biológica do sono, mas sim a obtida pelo viés psicológico. O sono é um estado psíquico de desinteresse do mundo externo, no qual o sujeito se fecha aos estímulos do ambiente e volta-se inteiramente ao seu desejo de dormir. O sonho, por sua vez, embora seja composto de outros processos psíquicos, é um fenômeno que perturba o sono, como um resto da atividade de vigília em contraponto ao estado de repouso. Freud (1916/2019) serve-se de uma contribuição das ciências naturais para o estudo do sonho, observando que estímulos que incidem sobre o corpo podem influenciar o conteúdo onírico. Através dessa investigação experimental, percebeu-se que os sonhos são uma forma de tratamento de estímulos, mas cuja representação no sonho não é idêntica ao estímulo real. A esse respeito, Freud afirma: “O sonho não reproduz simplesmente o estímulo, mas o elabora, remete a ele, o inclui em um contexto e o substitui por outra coisa. Esse é um aspecto do

trabalho do sonho que há de nos interessar, porque talvez nos aproxime da essência dos sonhos” (Freud, 1916/2019, p.128).

Da interpretação dos sonhos à psicanálise do Inconsciente.

A psicanálise apreende o sonho em sua pesquisa não como um fenômeno místico, mas como algo que existe realmente, na natureza física e na realidade psíquica, embora não esteja interessada no aspecto somático como primeiro plano. Ela não toma o sonho como mero resquício de um processo orgânico do sistema nervoso. O sonho é tido como um *ato psíquico* (1916/2019). Assim, ele consiste na elaboração de um estímulo, no sentido de proteger o sono, que toma forma nas imagens visuais. Ainda é desconhecida a forma pela qual o *ato psíquico* escolhe uma e não outra representação para o estímulo que perturba o sono, e de fato esta é a questão até então não respondida pelos místicos, tampouco pelos cientistas. Há naturalmente de se perguntar: por que o estudo da determinação do material onírico foi negligenciado pelas ciências naturais? As razões parecem derivar da enorme dificuldade de apreender o objeto e tomá-lo como digno de investigação. Uma primeira componente dessa dificuldade é transpor o determinismo da esfera física para a psíquica, sendo esta tantas vezes tomada como aleatória. Além disso, há a dificuldade que se dirige à própria natureza do objeto de estudo. O sonho é, por si mesmo, um objeto evanescente – não há lembrança precisa de todos sonhos, mas sim fragmentos que, no decorrer do tempo, são esquecidos. A parte restante, então, é confrontada com a dificuldade de ser narrada. O que, em muitos casos, é feito modificando o material original. Ademais, o sonho parece demasiado insignificante, sem a capacidade de informar sobre algo da vida psíquica.

Não obstante, a psicanálise propõe a investigação dos aspectos aparentemente sem importância do relato do paciente, ainda que sejam lacunares ou pouco nítidos. E propõe que isto se faça “*perguntando ao sonhador o que seu sonho significa*” (1916/2019, p. 134). O significado do sonho é oculto ao próprio sonhador. De imediato, ele afirmará nada saber. Então, caberá ao analista insistir e garantir que ele o sabe, e poderá descobrir o sentido oculto ao dizer a primeira ideia que lhe vier à mente, *associada*. É provável que as primeiras *associações* digam respeito à conexão de certos elementos do sonho com acontecimentos vividos nos dias imediatamente anteriores – pois os *restos diurnos* são um fator que contribui para a determinação do material onírico, outra novidade teórica levantada pela pesquisa psicanalítica. Porém, a associação feita pelo paciente não mostrará de imediato sua intenção, que deve ser buscada com sucessivas associações, segundo a aposta psicanalítica. O procedimento se justifica pelo fato de que estas não são livres, mas sim determinadas pelo sentido desconhecido, inconsciente. “*O que está oculto só poderá vir a ser conhecido se o analista se portar ao paciente como sendo este aquele que não sabe que sabe, e por isso crê não saber*” (1916/2019, p. 135). Só através da interpretação, isto é, da busca do sentido oculto no relato do paciente, se poderá chegar a um complexo de ideias subjacentes que explique, ou seja, que dê coerência à formação do respectivo sintoma, sonho ou ato falho. O material relatado, isto é, consciente, manifesto, é substituto do conteúdo latente original, mas conserva, invariavelmente, um vínculo associado a ele. O aparente desconhecimento deste conteúdo cifrado provoca no paciente uma percepção difusa sobre o que lhe aflige. A análise, por sua vez, não visa um necessário ganho de saber sobre isso, mas o pretende como efeito.

A partir do estudo dos sonhos, o conceito de *inconsciente* ganha consistência e Freud sugere que se substitua os termos “oculto”, “inacessível”, ou “não verdadeiro”, por “inconsciente” ou

“inacessível à consciência do sonhador”. “Se transpomos nossa concepção do elemento isolado para a totalidade do sonho, resulta daí que o sonho como um todo é o sucedâneo deformado de outra coisa, inconsciente, e que a tarefa da interpretação do sonho consiste em encontrar esse algo inconsciente” (1916/2019, p. 152). Portanto, o *conteúdo onírico manifesto* seria um representante *deformado* dos *pensamentos oníricos latentes*, os quais não estariam explícitos devido a ação de um *recalque*. Eis a situação de conflito em que a dimensão consciente de um sujeito recusa e se defende das manifestações inconscientes que toma como incompatíveis. A *resistência*, enquanto manutenção do *recalque*, poderá ser elaborada no dispositivo analítico. Em outras palavras, a *deformação* do sonho é uma expressão do *recalque* que diferencia o conteúdo manifesto do latente, sendo este o registro subjacente do inconsciente *censurado* ao sistema consciente. Freud demonstra que, nos sonhos infantis, essa *deformação* não está presente, constatando-se a realização de um desejo sem deformações, trazendo à tona uma imagem vívida de anseio, baseada em situação da experiência recente. Essa conceituação é muito relevante para a psicanálise, sobretudo na análise dos atos falhos e sonhos enquanto manifestações do inconsciente. A diferenciação entre um sonho infantil, que é puramente a “*transformação do pensamento em experiência vivida*” (1916/2019, p. 172), e um sonho da vida adulta, que é um sucedâneo deformado, confere especialidade ao lugar da “*pré-história*” do sujeito em análise. Pelo fato da criança não ter passado pelo *recalque* intenso de seus desejos infantis, isto é, pelo processo de renunciar a desejos não condizentes com as exigências da civilização e da consciência, a investigação psicanalítica se debruça vigorosamente sobre a experiência da infância. A partir desse ponto, será possível elaborar uma *teoria do recalque*, das *lembranças encobridoras*, da amnésia própria ao tempo infantil do desenvolvimento, e também da importância da *sexualidade*² como etiologia das neuroses. Portanto, o recalque, enquanto modalidade de defesa, e os sintomas neuróticos³ podem ser relacionados em função da sexualidade: “os sintomas psiconeuróticos indicam um esforço defensivo inconsciente de recalque dirigido a uma representação incompatível com o eu do paciente, devido à sua natureza traumática e sexual” (SANTOS; OLIVEIRA, 2012, p. 74).

Manejo analítico das resistências através do simbolismo.

Freud alerta quanto à *resistência* na decifração do sonho, que faz parte do domínio da *censura*, e demonstra também como esse mecanismo é bem estruturado. Podendo inclusive essa *resistência* ter sua força medida de acordo com o conteúdo que pretende censurar, o que orienta a incidência da investigação analítica sobre o *trabalho do sonho* (1916/2019, p.190). Como instruiu Freud, a perspectiva da técnica frente à resistência seria:

Lembrem-se de que tivemos uma surpresa quando começamos a empregar nossa técnica de livre associação. Ao fazê-lo, sentimos uma resistência se opor a nossos esforços para, a partir de um elemento do sonho, chegar ao elemento inconsciente do qual ele é sucedâneo. Essa resistência, dissemos, pode apresentar grandeza variável: por vezes, é enorme; outras vezes, é minúscula. [...] nos opõe quando do trabalho interpretativo, cabe-nos agora inseri-la no trabalho do sonho na qualidade de censura do sonho. A resistência à interpretação é apenas a

² Embora o conceito de sexualidade não seja tão desdobrado nessas duas primeiras partes das *Conferências*.

³ Considere-se a aproximação entre atos falhos, sonho e sintoma, enquanto formações inconscientes.

objetivação da censura do sonho (1916/2019, p 190).

Apesar do processo de *deformação* dos sonhos dificultarem sua interpretação, a *censura* não é um fator isolado do processo de resistência. Logo, independente de sua remoção, o acesso à compreensão dos sonhos não é trivial (1916/2019, p.200). Freud descreve seu trabalho com a associação dos elementos dos sonhos, relatando sobre como essa tarefa depende de uma condução do analista. Em postura ativa, é lícito utilizar um método de substituição dos elementos “mudos” para não haver perda de sentido na cadeia dos elementos dos sonhos (1916/2019), em outras palavras, o analista deverá convocar o sujeito a preencher as lacunas do discurso. Ao encontro desse discurso fragmentado, lacunar, Freud introduz a relação *simbólica* para análise dos elementos. Em vista disso, pode-se obter, sem muitas dificuldades, a interpretação de um sonho através do simbolismo onírico usual do paciente, assim como do conteúdo relatado por ele e das informações sistematizadas em análise. Entretanto, Freud adverte aos analistas que não se deixem seduzir por tal façanha, recomendando que, apesar da técnica da substituição, o processo associativo pode agregar de forma mais eficaz a interpretação dos sonhos. Como assinala Freud, “serão as associações dos analisandos a lhes informar sobre aquilo a que chamamos situação psíquica.” (1916/2019, p.203). Diante do manejo freudiano na interpretação dos sonhos, “tudo o que podemos dizer é que o conhecimento dessa simbologia é inconsciente, ou seja, que ele pertence à vida intelectual inconsciente do sonhador” (1916/2019, p. 224). Logo, “a vida psíquica nos fornece, na investigação psicanalítica, os esclarecimentos que nos permitem solucionar muitos dos enigmas da vida das massas humanas, ou ao menos lançar sobre eles a luz correta” (1916/2019, p.228).

Trabalho do sonho: a linguagem infantil do Inconsciente.

Freud dá especial atenção à elaboração do conceito de *trabalho do sonho*, ou *elaboração onírica*, no tema da interpretação. Isto ocorre porque grande parte dessas *Conferências* se detém sobre a demonstração de que a realização de desejos é o objetivo fundamental do sonho. As implicações subjetivas disso se dão na experiência de um conflito psíquico intenso, com a existência de desejos proibidos, repudiados e deformados (1916/2019), assim como observado nas explicações iniciais sobre os atos falhos. *O trabalho do sonho pode ser definido, em linhas gerais, como a deformação do conteúdo onírico latente vinculado ao sistema inconsciente*, resultando em um sonho manifesto e de modo a permitir uma expressão lacunar e difusa da satisfação inconsciente do desejo. É justamente essa dinâmica que designa o drama neurótico. O trabalho do sonho se trata da construção de uma relíquia, no sentido de um símbolo arcaico, “um hieróglifo”. Como o autor ressalta em:

O sonho [...] sempre será também a realização de um desejo inconsciente, se contemplado como resultado do trabalho do sonho. Um sonho, portanto, nunca é simplesmente uma intenção ou uma advertência, mas sempre uma intenção etc. traduzida para um modo de expressão arcaico com o auxílio de um desejo inconsciente e reconfigurada para realizar esse desejo (Freud, 1916/2019, p. 303).

Esse caráter arcaico da linguagem dos sonhos converge com a dimensão infantil do emissor dessa mensagem cifrada, no sentido de que o sonho pode ser concebido como irrupção da língua infantil do inconsciente. Freud descobre que o início da vida psíquica é marcado por uma carga pulsional

intensa, que expõe as contradições entre o sujeito e a civilização em termos da realização de seus desejos. Daí a necessidade de uma censura criptográfica das orientações primárias do aparelho psíquico, como oportunidade de ingresso no laço social. Por isso, a linguagem inconsciente é arcaica, já que remonta à pré-história da subjetividade infantil. Esse tempo inicial contradiz os pactos coletivos e as mais ternas lembranças nostálgicas quando observado em suas marcações de incesto, egoísmo e desejos homicidas. É possível concluir que a ontogênese seria então um trabalho de arrefecimento dessas exigências primárias, circunscrevendo uma divisão, um conflito estrutural no sujeito do inconsciente – o que reverbera o desenvolvimento da própria espécie humana em seu longo processo desde a barbárie até a civilização. Freud é testemunha das consequências dessa divisão psíquica, isto é, da aposta de que o sujeito vai ser atingido pela possibilidade de separação do infantil recalcado. A dinâmica de sua clínica dá relevo à observação desse aspecto constrangedor do sujeito. O que se expõe através do exame detido dos embaraços, vergonhas e inibições, presentes na fala do paciente, seja pela admissão ou pelo ocultamento. Vê-se, portanto, que o primeiro passo na direção de *domar⁴ as pulsões* é empreender uma investigação diligente da subjetividade humana, considerando que o inconsciente não é o caos, nem o inefável, mas sim que possui regras e todo um sistema latente passível de formulação lógica. Sendo assim, os processos inconscientes do psiquismo abrem válido campo de incidência para o método psicanalítico, que faculta a interpretação de suas mensagens enigmáticas. Um duro e delicado trabalho de educação das pulsões, realizado pelo manejo de símbolos – pela via do mito edípico, principalmente –, pode orientar o paciente ao encontro do arcaico de sua história, conseqüentemente, conferindo que ele possa dar um tratamento mais realista aos dados de sua experiência:

No tratamento psicanalítico, é comum depararmos com a tarefa de preencher as lacunas dessas memórias infantis; sempre que em alguma medida o tratamento é bem-sucedido — ou seja, com bastante frequência —, conseguimos trazer de volta à luz o conteúdo dessas lembranças da infância encobertas pelo esquecimento. São impressões que jamais foram esquecidas de fato, mas apenas tornaram-se inacessíveis, latentes, abrigadas no domínio do inconsciente. Pode ocorrer, todavia, de elas emergirem dali de forma espontânea, o que de fato acontece no contexto dos sonhos. O que se verifica é que a vida onírica conhece o caminho que dá acesso a essas experiências infantis latentes (Freud, 1916/2019, pp. 270-271).

Regular as exigências pulsionais, enquanto orientação clínica, é apostar na possibilidade de implicação do sujeito em relação aos seus desejos infantis, e apostar também na força-motriz da angústia gerada nesse processo. Dessa forma, de uma posição objetalizada se ergue um sujeito capaz de assimilar o caráter dividido de seu psiquismo. Esses termos fazem jus não somente a vida noturna dos sonhos, mas também à teoria geral das neuroses:

Isso se deve à relação dos fenômenos oníricos com aqueles das neuroses. Estudamos o sonho como introdução à teoria das neuroses, o que certamente foi mais correto do que fazer o inverso. Mas, assim como o sonho nos prepara para a compreensão das neuroses, uma correta apreciação dele, por outro lado, pode ser

⁴ O propósito do termo “domar” é valorizar a expectativa de “humanização” das pulsões, de que estas podem ser orientadas para o convívio do homem, para o espaço doméstico; em contraposição à experiência de uma desorientação pulsional selvagem, potencialmente predatória e certamente insustentável.

obtida apenas após o conhecimento dos fenômenos neuróticos (1916/2019, p. 323).

Registra-se que a leitura da parte II das *Conferências* é ricamente desenvolvida pelo estudo adicional da trilogia de textos em que Freud desenvolve a lógica inconsciente, que se dá pela articulação dos trabalhos em *A interpretação dos sonhos* [1900], *Psicopatologia da vida cotidiana* [1901], e *O chiste e sua relação com o inconsciente* [1905]. Desenvolve-se, no estudo dessa trilogia, uma compreensão de como Freud, a partir de suas descobertas, tece uma trama de conceitos em torno da hipótese do inconsciente. Posteriormente na obra, esses resultados encontram robusta sistematização nos textos metapsicológicos, o que fundamenta a discussão psicanalítica dos fenômenos inconscientes em três dimensões: dinâmica, tópica e econômica, conforme é sintetizado no ensaio *O inconsciente* [1915].

Referências bibliográficas:

COSTA, A. M. V. **Teorias e Técnicas Psicoterápicas I**: Disciplina de graduação em Psicologia (UFF), ministrada pela profa. Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira. Niterói, RJ, jun. 2018. Notas de aula.

FREUD, S. (1900). Capítulo 7, item E. IN: FREUD, S. (Autor) **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 4.

FREUD, S. (1916-1917). **Conferências introdutórias à psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 13.

FREUD, S. (1923). “Psicanálise” e “Teoria da Libido”: dois verbetes para um dicionário de sexologia. In: FREUD, S. (Autor). **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 15, p. 273-308.

SANTOS, T. C.; OLIVEIRA, F. L. G. Teoria e clínica psicanalítica da psicose em Freud e Lacan. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 73-82, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n1/v17n1a08.pdf> Acesso em: mar. 2021.